

A SEMANA – 119

John Gledson

No dia 3 de setembro, Marino Mancinelli, o empresário italiano que trouxera a ópera ao Rio de Janeiro para a temporada anual, se suicidara com um tiro na cabeça. A *Gazeta* traz uma manchete enorme no dia seguinte, com o retrato do infeliz. Parece que o motivo foram apuros financeiros – como diz Olavo Bilac, por exemplo, numa crônica do dia 15 de setembro, os preços das assinaturas eram altos demais para uma cidade em apuros econômicos, e “rudemente ferida por uma comoção política que quase a arruinou.” (ver Antonio Dimas, *Bilac, o jornalista*, v. 1, p. 125-27 – é interessante ler também o ataque de Bilac, mais frontal que o de Machado, ao arcebispo Esberard, na p. 122). Machado não descarta esta motivação, embora ache que a reação normal a tais apuros seria a fuga para a Europa (“o pacote”). Segundo o obituário na *Gazeta* do dia 4, “era um grande artista; mas, como todos os grandes que abusam da vida cerebral, não possuía aquele senso prático (...)” Machado parece interessar-se tanto ou mais pelo caso de John Mowat, o obscuro bibliotecário de Oxford, que para ele exemplifica um fenômeno raríssimo – a modéstia verdadeira (ou doentia?).

Esta crônica consta da antologia de Mário de Alencar, p. 154-158.



A SEMANA

9 de setembro de 1894

[Edição, apresentação e notas por John Gledson]

A morte de Mancinelli deu lugar a uma observação, naturalmente tão velha ou pouco menos velha que o mundo, a saber, que o homem é um animal de sonhos e mistérios. Não gosta das verdades simples. Assim, relativamente ao motivo do suicídio, ouvi muitas versões sensatas¹ e complicadas. A mais espantosa foi que Mancinelli estava com ordem de prisão, por ter mandado lançar fogo ao Politeama², e recorrera à morte, não por desespero, mas por terror.³

Confessemos que é ir um pouco longe. Entretanto, façamos justiça aos homens, a realidade era mais difícil de crer que a invenção e a fantasia. Um empresário que se mata por não poder pagar aos credores, orça pela Fênix e pela Sibila.⁴ Era natural não admitir que, em tal situação, um empresário prefira a bala ao pacote. O pacote é a solução comum, mas também há casos de simples discurso explicativo, palavras duras, uma redução, uma convenção, uma infração e o silêncio. Não me lembra⁵ nenhum caso mortal.

O pobre e fino artista foi o primeiro, e por muitos e muitos anos será o único, porque eu não creio que nenhum outro, nas mesmas condições, se meta tão cedo em tal ofício, para o qual não basta o sentimento da arte. Não o conheci de perto, nem de longe, mas parece que era profundamente sensível, tinha o orgulho alto, o pundonor agudo e o sentimento da responsabilidade vivíssimo. Não podendo lutar, preferiu a morte, que se lhe afigurou mais fácil que a vida e mais necessária também.

¹ Aurélio tem “remotas”, assim como Mário de Alencar. Esta leitura é clara, porém, pelos microfilmes. Parece fazer mais sentido também, pelo contraste com “complicadas”.

² O teatro Politeama, na rua do Lavradio, queimara no dia 14 de julho, durante uma representação de *Rigoletto*, “reduzindo-se a cinzas em poucos minutos”, e causando pânico no auditório.

³ Aurélio tem “temor”, como Mário de Alencar. Novamente, a leitura é clara, no jornal.

⁴ A Fênix: pássaro mítico que renascia das próprias chamas que a destruíam. A Sibila: profetisa do templo de Apolo, no mundo antigo.

⁵ Na *Gazeta* está “lembro”. Mário de Alencar e Aurélio corrigem.

Há justamente um mês, deu-se em Oxford um suicídio, que, a certo respeito, é o de Mancinelli. Foi o de John Mowat.⁶ Este erudito era bibliotecário da Universidade. Nomeado membro do Congresso das Ciências que ali se reunia agora, teve medo de não poder desempenhar cabalmente o mandato, pegou de uma corda e enforcou-se. Sabia-se que era homem de grande impressionabilidade. Vivendo feliz, sossegado, entregue aos livros, temeu cá fora um fiasco. Compreendo que a gente inglesa também recusasse tal motivo, e preferisse crer, visto tratar-se de um bibliotecário, que ele deitara fogo à biblioteca de Alexandria.⁷

Realmente, matar-se um homem por suspeitar que pode ficar abaixo de um cargo é coisa que, ainda escrita, ninguém crê; parece uma página de Swift.⁸ Antes de tudo, esse sentimento de inferioridade é raríssimo. Quando existe, fica tão fundo na consciência, que só o olho perspicaz do observador pode senti-lo e palpá-lo cá de fora. A aparência é contrária; o ar da pessoa, o tom, o aspecto, tudo persuade à multidão que o cargo é que é pequeno. A verdade, porém, é que Mowat matou-se por causa dessa modéstia doentia, quando o seu dever era ser sadio e forte, crer que podia arrancar uma estrela do céu, e, obrigado a fazê-lo, tirá-la da algibeira.

Num e noutro caso, como nos demais, surge a questão de saber se o suicídio é um ato de coragem ou de fraqueza. Questão velha. Tem sido muito discutida, como a de saber qual é maior, se César ou Napoleão; mas esta é mais recente e indígena.⁹ Pode dizer-se que os dois grandes homens equilibram-se, nos votos, mas a questão do suicídio é antes resolvida no sentido da fraqueza que no da coragem. É um problema psicológico fácil de tratar entre o largo do Machado e o da Carioca. Se o bonde for elétrico, a solução é achada em metade do caminho.

Segundo os cânones, o suicídio é um atentado ao Criador, e o nosso¹⁰ primeiro e recente arcebispo aproveitou o caso Mancinelli para lembrá-lo aos párocos e a todo o clero, e conseqüentemente que os sufrágios eclesiásticos são negados aos que se matam.¹¹ A circular de D. João Esberard é sóbria, enérgica e verdadeira; recorda que a sociedade civil e a filosofia condenam o suicídio, e que a natureza o considera com horror. No mesmo dia da expedição da circular (quinta-feira), um homem que padecia

⁶ Este Mowat é John Lancaster Gough Mowat. O jornal *The Guardian* traz uma reportagem sobre o caso no dia 8 de agosto de 1894, que confirma os detalhes que Machado nos dá. É possível que tenha lido a notícia nesse jornal.

⁷ A biblioteca de Alexandria foi a maior do mundo antigo, e foi completamente destruída, não se sabe exatamente como ou quando. Há várias explicações conflitantes.

⁸ Jonathan Swift (1667-1745), escritor satírico e fantástico, autor de *As viagens de Gulliver*, em que imagina seres humanos de tamanho mínimo, outros enormes, cavalos que falam e escravizam a raça humana etc.

⁹ É provável que Machado se refira à rivalidade entre os dois primeiros presidentes do regime republicano, os marechais Deodoro da Fonseca (1827-1892) e Floriano Peixoto (1839-1895).

¹⁰ Na *Gazeta* está “novo”; Mário de Alencar e Aurélio corrigem.

¹¹ O bispo de Olinda, Dom João Esberard, em setembro de 1893, fora elevado ao bispado do Rio de Janeiro, que ao mesmo tempo foi elevado a arcebispado. Tinha a reputação de inflexível e intolerante (e de monarquista), e publicara uma pastoral em que condenava duramente os suicidas, e proibia que fossem sepultados em terra santa.

de moléstia dolorosa ou incurável, talvez uma e outra coisa, recorreu à morte como a melhor das tisanas. Suponho que não terá lido a palavra do prelado; mas outros suicidas virão depois dela, pois que os cânones são mais antigos, a filosofia também, e mais que todos a natureza.

Conta Plutarco que houve, durante algum tempo, em Mileto,¹² uma coisa que ele chama conjuração, mas que eu, mais moderno, direi epidemia, e era que as moças do lugar entraram a matar-se umas após outras.¹³ A autoridade pública, para acudir a tamanho perigo, decretou que os cadáveres das moças que dali em diante se matassem, seriam arrastados pelas ruas, inteiramente nus. Cessaram os suicídios. O pudor acabou com o que não puderam conselhos nem lágrimas. A privação dos sufrágios eclesiásticos é assaz forte para os crentes, embora não seja sempre decisiva; mas a incredulidade do século e a frouxidão dos próprios crentes hão de tornar improficua muita vez a intervenção do prelado.

Pela minha parte, estou com os cânones, com a filosofia, com a sociedade e com a natureza, sem negar que são dois belos versos aqueles com que o poeta Garção fecha a ode que compôs ao suicídio:

Todos podem tirar a vida ao homem,
Ninguém lhe tira a morte.¹⁴

Convenho que a morte seja propriedade inalienável do homem, mas há de ser com a condição de a conservar inculta, de lhe não meter arado nem enxada. Condição que não se pode crer segura, nem geralmente aceita. São matérias complicadas, longas, e cada vez sinto menos papel debaixo da pena. Enchamos o que falta com uma revelação e uma observação.

A revelação é um grito d'alma que ouvi, quando a notícia do suicídio de Mancinelli chegou a um lugar onde estávamos eu e um amigo. “Ora pílulas! bradou este meu amigo; é outro empresário que me leva a assinatura.” Consolei-o dizendo que as assinaturas do teatro lírico,¹⁵ perdidas ou interrompidas neste mundo, são pagas em tresdobro no céu. A esperança de ouvir eternamente os *Huguenotes* e o *Lohengrin*¹⁶ alegrou a alma diletante e cristã do meu amigo. Disse-lhe que os anjos, como a eternidade é longa, estudam as óperas todas, para indenização das algibeiras e dos ouvidos defraudados pelo suicídio ou pelo pacote; acrescento que os maestros no céu

¹² Essa vírgula, necessária e incluída por Aurélio, está ausente do texto no jornal e na edição de Mário de Alencar.

¹³ No capítulo XI (“As mulheres de Mileto”), do seu ensaio, *De mulierum virtutibus* (“Sobre a coragem das mulheres”), Plutarco (45-120 d.C.) conta esta história.

¹⁴ Versos da ode “O suicídio”, do poeta português Pedro Antônio Correia Garção (1724-1772). Machado parece ter citado de memória os versos de Garção; no *Parnaso lusitano*, t. III, p. 328, e na edição das *Obras poéticas e oratórias*, de 1888, p. 183: “Todos podem a vida / Tirar ao homem na mesquinha Terra; / Ninguém lhe tira a morte.”

¹⁵ Está assim na *Gazeta* e na antologia de Mário de Alencar. Aurélio põe maiúsculas: “Teatro Lírico”.

¹⁶ Óperas de Giacomo Meyerbeer, e de Richard Wagner, de 1836 e 1850 respectivamente.

serão os regentes da orquestra das suas óperas, menos os judeus, que poderão mandar pessoa de confiança.

Quanto ao reparo, é um pouco velho, mas serve. Verificou-se ainda uma vez a supremacia da música em nossa alma. Certamente, as circunstâncias da morte de Mancinelli, as qualidades simpáticas do homem, os dons do artista, a honradez do caráter, contribuíram muito para o terrível efeito da notícia. Creio, porém, que uma parte do efeito originou-se na condição de empresário lírico. A verdade é que nós amamos a música sobre todas as coisas e as prima-donas como a nós mesmos.

